

“Experimentando Outros Conceitos”

Judith Butler



Prefácio do livro:

Pereira, Pedro Paulo Gomes. *Queer in the tropics: Gender and Sexuality in the Global South*. Editora Springer Netherlands, 2019.

“Queer in the Tropics” é um belo e exigente livro de Pedro Paulo Gomes Pereira. A obra conduz seu leitor às lutas de vida e morte daqueles que, excluídos e envergonhados por um sistema de saúde, devem navegar em sua própria saúde e existência encarnada, assegurando as condições para suas próprias vidas. Como um livro, ele mostra um conjunto de contatos transformadores.

Em certo sentido, esta obra é uma etnografia das travestis que lutam com problemas de cuidados de saúde – e instituições – usando diferentes estruturas interpretativas. Nos capítulos centrais, o estudo se volta a travestis que encontram vocabulários, imagens e modos de interpretação das religiões da diáspora africana que as ajudam a encontrar o caminho através de sistemas de saúde, vocabulários legais, tratamentos médicos, modos de cura e reparação. Frequentemente, elas desenvolvem dentro de sua própria língua uma compreensão do HIV, seus próprios corpos como locais de desejo e aflição, modos de persistência ligados às comunidades de pertencimento e uma prática sutil de subversão em relação às instituições das quais elas são excluídas.

Em outro sentido, este livro é muito mais que uma etnografia. É um movimento rítmico entre narrativa e reflexão. Começa e termina no decorrer de um conjunto de encontros em que o etnógrafo teórico cede o controle, sucumbe ao pesar, considera o voo, mas continua o acompanhamento. Com efeito, este livro nos pede para ficar

com as questões da vida e da morte, mesmo quando as dificuldades de compreensão demandam tradução, exigem que nos tornemos algo diferente do que nos consideramos ser. O que acontece neste livro é uma descrição rica, mas não meramente descritiva. É a história de relacionamentos intensos, de transformação mútua, de tradução cultural e práticas coletivas de produção de um novo mapa do possível.

O trabalho de Pereira se move entre narrar as histórias das vidas das travestis, compreender as convenções e normas das religiões diaspóricas africanas que elas transmitem umas para as outras, refletindo suas relações em sua tristeza e persistência. De imediato, um registro de afetos e uma investigação teórica, o texto nunca decide o significado essencial ou unitário da vida das travestis. Ao invés disso, registra e reflete sobre as várias relações com os outros, com instituições e tecnologias nas quais essas vidas são elaboradas e reproduzidas em situações temporalmente saturadas.

De fato, neste relato, a vida das travestis não é simplesmente “performada” nem é o resultado de um engajamento com tecnologias no mais amplo termo. É, antes, a forma incorporada de relacionamentos em que tanto a performance quanto a tecnologia operam. Dessa forma, Pereira oferece uma réplica simpática, mas crítica, à descrição de Paul Preciado da produção tecnológica de gênero, ressaltando os mundos-vividos relacionais e as instituições e práticas pelas quais elas são constituí-

das e que, para o bem de suas próprias vidas, elas devem às vezes se opor. Ao mesmo tempo, este texto envolve trabalhos teóricos sobre o corpo, abarcando o importante trabalho sobre a teoria queer emergente do Brasil (incluindo o trabalho incisivo de Richard Miskolci, Larissa Pelúcio e Berenice Bento, entre outros), teoria queer e decolonial (e sua interseção), a teoria sociológica de Pierre Bourdieu, a antropologia de Eduardo Viveiros de Castro e a obra teórica europeia de Foucault, Esposito e Agamben. Todas essas teorias podem ser aplicadas sobre a vida das travestis, a situação biopolítica, o status de suas práticas sociais, mas nenhuma delas é suficiente como um quadro definitivo. Eles podem, no entanto, apenas tocar nessas vidas, ou colocar em primeiro plano questões sobre como pensar em encarnação, tecnologia, tradições culturais transmitidas, poder, violência, sexualidade, imaginário, desejo e esperança. Como teoria, elas devem ser traduzidas para outro idioma, outro conjunto de conceitos e experiências vividas, e re-traduzidos e re-trabalhados dentro de um mundo excluído de suas imaginações.

Pereira escreve: “a construção dos corpos das travestis não depende apenas de hormônios, silicone ou técnicas biomédicas e corporais; baseia-se nas relações entre pessoas e entidades espirituais. Essas relações ocorrem entre famílias, entre vizinhos e em ambientes religiosos. Elas acontecem entre traves-

tis e entre travestis e caboclos, pomba-giras, bombadeiras, hormônios e silicone, todos agindo juntos na invenção de corpos”. Essa forma de corpo pode começar antes de nascer, ele nos diz, quando, por exemplo, espíritos trazem um corpo à existência, que salvaguardam essa existência, são parte de sua formação, parte de quem o ser encarnado vem a ser.

Pereira considera, em detalhe, a vida travesti como ela existe dentro das comunidades constituídas nos termos das religiões diaspóricas africanas. Uma dimensão crucial da vida das travestis no Candomblé e na Umbanda é como interagir com instituições médicas que concebem em termos muito diferentes doenças e problemas relacionados à sexualidade e ao desejo. Por exemplo, Pereira nos conta que muitas vezes as travestis têm uma pomba-gira, o espírito de uma ex-trabalhadora do sexo conhecida pelos esquemas que desenvolveu para dominar os homens. Como espírito, ela é incorporada pelas travestis e ajuda a criar feminilidade, e permanece uma característica incorporada desse gênero. Este processo de incorporação é complexo. Alguém é tocado e transformado pelo espírito, e o espírito se torna parte da própria formação e realização do próprio gênero. Essa alteridade permanece, mas é uma alteridade interna. O self não está mais fechado em si mesmo, mas sim definido por sua abertura à alteridade e pelas transformações que ocorrem como resultado

dessa abertura. Mas mesmo essa formulação teórica se abstrai da prática e do processo e só pode ser o resultado de uma tradução parcial e inadequada. De fato, toda prática de incorporar um espírito envolve uma tradução de um ser para outro, facilitada pelo contato de algum tipo. A vasta contribuição para a teoria de gênero realizada pelo texto de Pereira, portanto, tem tudo a ver com a relação entre tradução e incorporação. Pois não é só um espírito, outro corpo, uma prática, uma instituição, uma tecnologia que toca o corpo ou entra em seus processos vitais, mas que essa alteridade é em si uma característica transformadora e transformadora de quem é. Ninguém inventa uma identidade de gênero por conta própria ou como resultado de uma vontade individual. Pelo contrário: é desse processo intrincado que o gênero é instituído e transformado como um processo dinâmico e complexo, e é somente nos termos dessa complexidade dinâmica que se pode começar a entender o sentido em que o gênero é uma “invenção”. “Invenção” é central para o estudo complexo e persuasivo de Pereira – uma prática da própria invenção. De certa forma, o texto é uma meditação extensiva sobre o significado de “incorporação”: o que espíritos, substâncias, instituições e mundos incorporamos ao corpo e como eles – e nós – nos transformamos no curso dessa incorporação. Sua teoria não prolifera novas categorias ou procura definir todas as travestis de uma maneira. Entretanto, ressalta os efeitos inventivos

de formas de contato que alteram todas as superfícies e profundidades da cena, seja esse contato com espíritos ou tecnologia, imagens ou instituições.

Pereira é bem conhecido por perguntar qual a forma que a teoria queer agora assume no Sul Global. Com base em pesquisas de queer of color (queer de cor), teoria feminista (Rita Segato) e teoria decolonial (Mignolo), ele rastreia as formas que a teoria queer assume na América Latina, sem as âncoras dos centros urbanos do Norte Global e narrativas europeias da modernidade. Para Pereira, a teoria queer no Brasil e em toda a América Latina tem que empreender uma virada decolonial. Ele não recusa toda teoria do Norte, mas faz uso distinto de uma série de teorias, muitas das quais são formalmente incompatíveis entre si. Este sincretismo teórico faz parte da prática inventiva que ele teoriza. Ele faz uso do que é importante para pensar sobre essa questão, ao mesmo tempo em que permanece livre da versão ortodoxa de toda teoria. Mas o que muda nessa teoria quando entra em contato com o candomblé? Com a vida travesti e seus imaginários? Com a biopolítica de hormônios e silicone, com religião e saúde, no contexto latino-americano?

Ao longo deste texto, ele ressalta a agência que as travestis constroem dentro das comunidades diaspóricas africanas no Brasil, fazendo uso de sua exclusão das estruturas dominantes para sondar outro horizonte de possibilidades. No final de seu notável livro, Perei-

ra oferece a seguinte imaginação: “talvez o caminho a seguir seja encantar-se com a multiplicidade de agentes e suas formas inaudíveis de ação, com a criatividade de suas poéticas: despedaçando essa máquina reificadora; evitando a emulação de movimentos que acabam aprisionando a todos nós; experimentando outros conceitos; e vivenciar a nós mesmos através de outros conceitos”.

Ele me dá mais crédito do que de-

sejo pela originalidade de seu próprio pensamento, mas afirmo sua companhia como interlocutor, como alguém cujo pensamento toca o meu próprio, que transforma quem toma suas palavras e que estão habilitados a pensar em possibilidades de maneiras novas e vibrantes. No final, se tivermos sorte, estamos acompanhados uns dos outros, e quem somos não é muito pensável para além dessa companhia.